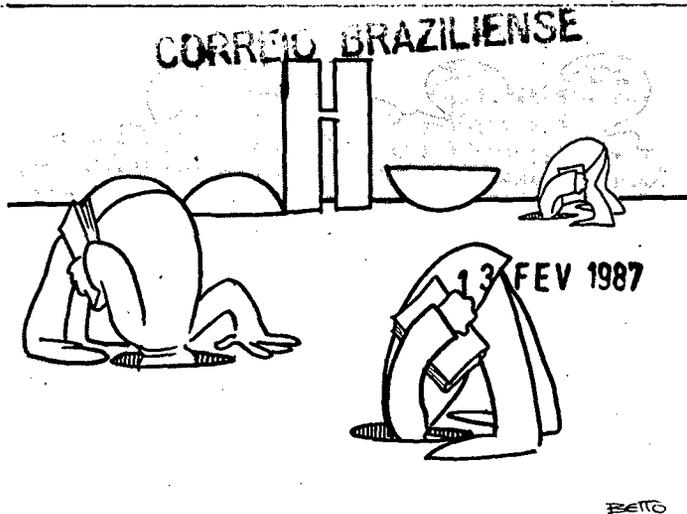


Sammy, José

# Bakunin e os neoliteratos

13 FEV 1987

MAURO RIBEIRO



Parece-nos, aqui de São Paulo, que muita gente em Brasília resolveu exercer uma opção pelo lado ficcional da vida brasileira, numa arriscada tentativa de seguir a caminhada literária do presidente Sarney. É arriscada, sim, porque os poetas não costumam surgir do relâmpago. Ademais, poeta-presidente existe somente um, e somente ele poderá, eventualmente, contar com as indulgências de uma platéia que espera muito mais coisas que literatura.

Como explicar, por exemplo, que algumas autoridades oficiais ainda insistam em ameaçar com represálias da Sunab? Seria o máximo da capacidade ficcional conseguir que a sociedade se identifique com essa figura de retórica, esse fantasma insepulto. Outra ilustração da corrente imaginativa que envolve a Corte: o clamor contra a alta de juros, que é, como todos sabem, provocada pelo próprio Governo. Nesse particular, há romancistas de dentro do Governo e no seio do antigo partido de oposição, numa clara demonstração de que a epidemia de letras é geral.

Num passado mais recente — e aí entra em cena o Presidente, inspirador dos neoliteratos —, comparou-se um industrial paulista ao russo Bakunin. Como se vê, exercício analógico permitido apenas a quem já leu, ou começa a fazer o aprendizado histórico. A imagem, infeliz em si, peca por exagero e por inadequação figurativa. Existem personalidades na República, de passado mais recente, que serviriam como instrumento de citação mais eficaz.

O presidente Juscelino projetou e construiu Brasília, mas tinha horror a aferir o pulso nacional a partir de lá. Jango o imitou, depois da temporada de caça de Já-

nio. O general Castello logo descobriu que, no Palácio das Laranjeiras, poderia sentir e avaliar melhor a realidade brasileira. Quer dizer, todos eles colocaram os pés e os ouvidos no chão.

Depois do Plano Cruzado, o presidente Sarney resolveu transformar o Planalto e o Alvorada numa espécie de bunker. Cercou-se de fiéis centuriões, delegou ao camareiro-mor a guarda de sua agenda, circunscreveu suas visitas aos membros da Corte, e escolheu o rádio (semanalmente) e a televisão (às vezes) para a fala a seus súditos...

É um erro. Um erro quase temerário. Onde já se viu comandante-em-chefe deixar de visitar os feridos, após as escaramuças das batalhas? Poderia, sim, delegar a missão a seus ministros, mas estes se mostram cansados, esgarçados, pálidos, apáticos, doentes. Resentem-se, no geral, do mais elementar dos atributos públicos: a credibilidade.

Entre um bunker mesmo adoentado e um país repleto de feridos, ansiosos por uma palavra de esperança, o

Presidente refugiou-se na corte. Louvor seja entoado aos cortesãos, por sua capacidade de envolvimento. Conseguiram até que o Presidente se deixasse levar por uma extravagante teoria conspiratória do empresariado, liderada por São Paulo, contra a política econômica e contra o seu governo.

O episódio Bakunin foi uma licença literária grotesca, felizmente já superada, formalmente. Deixou sequelas, no entanto, ao permitir a irrupção de uma relação de desconfiança mútua. O Presidente, magoado, bateu forte mas com o instrumento errado: a anarquia, aqui em São Paulo, é sinônimo de vontade de trabalhar. Os empresários, atingidos, refugiaram-se na postura irrequieta de quem deseja tocar o trem, mesmo sob o risco de atropelar alguém (ou muitos).

O presidente Sarney precisa viajar pelo Brasil. Expor-se, falar ao povo, visitar as cidades, conhecer seus cidadãos, trocar idéias, fomentar o debate, ouvir e rebater as críticas. Precisa

testar o bem-querer ou a impopularidade que lhe devota a sociedade. A quem está acostumado às urnas ou ao exame severo da crítica, por causa de sua obra literária, não seria pedir demais. O general Geisel, no climax de decisões fortes e antipáticas, como a simoneta e outros arrochos, inclusive salariais, percorria o Brasil com mais frequência.

Isolado em Brasília, o Presidente gera a sensação de que está parado. Ele e o País. Quanto ao País, está, sim, é ansioso, inquieto, apreensivo. O País está também preocupado e, em larga medida, decepcionado. Tudo isso ocorre. Mas é fundamental, para o Planalto, não aprofundar a sensação de que existe um presidente amedrontado e que joga tudo nos arranjos de cúpula em torno da duração de seu mandato, ao invés de dedicar-se, com naturalidade, a participar do cotidiano das ruas, dos bares, dos táxis, dos aviões, do jogo do bicho, da vida das empresas, do livre exercício da cidadania, com suas grandezas e mesquinhas.

Esse flagrante sentimento de culpa diante do fracasso da reforma econômica deveria ser melhor apreciado pelos estrategistas do Planalto. O Presidente ainda tem crédito, pelo que ousou, pelo que tentou fazer e até por suas reiteradas demonstrações de boa intenção. Transferir decisões revela uma fraqueza incompatível com a grandeza das missões que o destino confere aos homens.

Os bons aconselhadores dos poderosos, em todos os tempos, são pródigos em recomendar que se evite o isolamento dos palácios, das cortes, antes que o espírito da população alcance níveis de irritação incontornável.

Mauro Ribeiro é jornalista com larga atuação na imprensa paulista.